

JORNAL DA SPPA

ANO 5 - NÚMERO 9
JULHO DE 2006
PORTO ALEGRE - RS - BRASIL



SPPA E MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL PROMOVEM EVENTOS CIENTÍFICOS E CULTURAIS PARA COMEMORAR OS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE FREUD

PÁGINA 3



ARTIGO:
Retornando a Freud:
A Psicanálise como Método
Terapêutico - Isaac Pechansky
PÁGINA 5

A síntese do encontro com o
Dr. Stefano Bolognini, analista didata
da Sociedade de Bologna (Itália)
PÁGINA 4

Artigo: Psicoterapia e Religiosidade -
Sérgio Paulo Annes
PÁGINA 6

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

AS COMEMORAÇÕES DOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE SIGMUND FREUD - O INÍCIO DA GESTÃO 2006/2007

A nossa sociedade, ao longo de seus mais de 40 anos de existência, caracterizou-se por sua seriedade científica e retidão ética. Este é o nosso maior patrimônio e fomos recebendo-o através da aprendizagem com nossos mestres, em seminários, supervisões, nas nossas análises e, por que não, em nossos convívios sociais. Desde já quero afirmar que, acima de todas as atividades científicas, de difusão, de ensino, administrativas, financeiras, e de todas as diretrizes que foram apresentadas como sendo o objetivo desta gestão, o compromisso maior de toda a Diretoria certamente é preservar o nosso maior patrimônio: a seriedade científica e a retidão ética.

Integrar é fundamental e todos os colegas interessados em trabalhar, participar, terão espaço, seja nas comissões, seja em atividades científicas ou de interface com a cultura ou com outras áreas do conhecimento.

As nossas atividades científicas deverão ocorrer em torno a um eixo temático "O Método Psicanalítico Hoje" nas várias escolas da Psicanálise. Este assunto é importante, pois temos enfrentado pressões para alterar o *setting* psicanalítico e a clareza a respeito do essencial para preservar o nosso método é necessária. Além disso, este tema servirá de preparação para o Congresso da IPA de 2007, em Berlim, Alemanha, uma vez que ele terá como tema central "Recordar, Repetir e Elaborar na Psicanálise e na Cultura Hoje".

Estas palavras, fragmentos do discurso de posse da nova Diretoria, expressam parte de nossos compromissos para a gestão que ora iniciamos. Aliás, a comemoração que fizemos dos 150 anos do nascimento de Sigmund Freud, em parceria com o Memorial do Estado, foi o início da efetivação dos objetivos acima referidos.

Este evento foi realizado graças ao esforço conjunto de toda a SPPA. Especialmente a Diretoria Científica e toda a Comissão Científica foram extraordinariamente competentes e incansáveis. Mas também a Diretoria de Divulgação e

Relação com a Comunidade fez um trabalho exemplar. E, da mesma forma, todas as outras diretorias deram a sua contribuição. Por exemplo, a Diretoria de Publicações já iniciou o planejamento de mais um livro, que deverá girar em torno do evento dos 150 anos, aberto à possibilidade de inclusão de trabalhos de outros membros da SPPA. Mas acima de tudo o evento obteve êxito porque pudemos contar com a colaboração de inúmeros colegas participando das "Lições", dos painéis, dos debates, da divulgação na mídia, etc. O resultado foi a maciça acolhida por parte do público, o que redundou na lotação de quase todas as atividades. Estamos todos realizados e de parabéns.

Concomitantemente, recebemos a visita de Stefano Bolognini. A qualidade da contribuição científica do nosso convidado impressionou, especialmente a sua sensibilidade na abordagem do material clínico de seus pacientes e nos casos apresentados. Mas também a qualidade da participação de nossos colegas foi motivo de destaque. Aliás, esta não foi uma impressão apenas nossa, mas o próprio Dr. Bolognini destacou este fato.

Seguindo o eixo temático da discussão do Método Psicanalítico na Atualidade, em breve trataremos o psicanalista argentino Abel Fainstein. A vinda do Dr. César Botella também já está organizada para o mês de setembro e a dos Drs. Elias e Elizabeth da Rocha Barros para o mês de novembro.

Em junho, realizamos o VIII Simpósio de Psicanálise da Infância e Adolescência por meio da nossa Diretoria de Psicanálise da Infância e Adolescência, que teve como tema central o "Brincar, Repetir e Elaborar", colocando em evidência a centralidade do brincar para um desenvolvimento mental saudável. Simultaneamente foram desenvolvidas oficinas para pais, educadores e profissionais da saúde.

Através da Diretoria de Divulgação, estamos mantendo intensa atividade junto à imprensa e, ademais, demos início ao já tradicional Ciclo de Cinema e Psicanálise em parceria com a Casa de Cultura Mário Quintana. Está sendo planejada uma

atividade de consultorias junto a escolas que promete ser bastante profícua.

Estamos levando adiante, mediante a atividade da Diretoria de Publicações, a tarefa de reordenar os nossos meios de comunicação interna e externa, homepage, boletim eletrônico, jornal e a revista de Psicanálise da SPPA, visando torná-los mais eficientes e dentro do novo padrão gráfico da nossa sociedade. Acresça-se a tarefa de edição de mais dois livros, que deverão ser lançados ao longo desta gestão.

Por meio de nossa Diretoria Administrativa, aprontamos o novo Roster e a impressão do novo estatuto e regulamento do Instituto de Psicanálise e seguimos nossa tarefa de aprimoramento administrativo da SPPA. Além do mais, foram realizadas reformas nos corredores dos três andares que ocupamos, visando torná-los mais agradáveis e condizentes com a nossa instituição.

Seguimos com a missão de promover a austeridade, através da liderança de nossa Diretoria Financeira, além de implementar uma série de medidas que deverão reduzir nossos custos financeiros e aprimorar o sistema informatizado de controle financeiro.

Por último mas não menos importante, nosso Instituto de Psicanálise, além de todas as suas atividades de ensino reiniciadas em março passado, realizou reuniões de acolhimento dos novos candidatos e outras para estreitar o diálogo entre candidatos e a Direção. Ademais, há um plano de reestruturação do CAP, após extensa discussão na Comissão de Ensino e na própria coordenação do centro de atendimento, visando focá-lo mais no atendimento psicanalítico e aprofundando suas funções de ensino.

Como vemos, a SPPA segue sua tradição de intensa e qualificada atividade científica, visando ao nosso aprimoramento científico, assim como ao ensino e à difusão da psicanálise.

Dr. Ruggero Levy
Presidente da Sociedade
Psicanalítica de Porto Alegre

EXPEDIENTE

PRESIDENTE: Dr. Ruggero Levy

DIRETOR ADMINISTRATIVO: Dr. Jair Rodrigues Escobar

DIRETOR CIENTÍFICO: Dr. Sérgio Lewkowicz

DIRETORA FINANCEIRA: Psic. Heloisa Cunha Tonetto

DIRETOR DO INSTITUTO: Dr. Raul Hartke

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES: Dr. José Carlos Calich

DIRETOR DE DIVULGAÇÃO E RELAÇÕES
COM A COMUNIDADE: Dr. Zelig Libermann

DIRETORA DA ÁREA DA INFÂNCIA
E ADOLESCÊNCIA: Psic. Mery Pomerancblum Wolff

COMISSÃO EDITORIAL: Marieli Bergel (coordenadora)
Eliane Goldstein, Fernando Pereira Lima, Margot
Aguzzoli, Maria Regina Limeira Ortiz

SECRETÁRIA: Margaret L. Dallagnol

PROJETO GRÁFICO: Inédita|RS Comunicação
Fone: (51) 3019.9810
e-mail: ineditars@ineditars.com.br

EXECUÇÃO: Virtus Jornalismo e Comunicação
Fone: (51) 3328.9926
e-mail: isabel@virtusjornalismo.com.br

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Isabel Pacini Teixeira
Mtb 7374/33/11

TIRAGEM: 2.000 exemplares

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1965

Rua General Andrade Neves, 14 / 802
CEP 90010-210 Porto Alegre
Rio Grande do Sul Brasil
Fone/fax: (51) 3224.3340 / 3224.7021
E-mail: sppa@sppa.org.br

www.sppa.org.br

COMEMORAÇÕES DOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE FREUD (1856-2006)

Em maio, a SPPA promoveu, em conjunto com o Memorial do Rio Grande do Sul, uma série de atividades científico-culturais para marcar a data



Em 6 de maio de 1856 nasceu em Freiberg, na Moravia, atual República Checa, Sigmund Freud, fundador da Psicanálise. Coursou Medicina, estabelecendo-se em Viena. Freud iniciou-se como pesquisador em histologia do sistema nervoso, interessando-se posteriormente pelas neuroses, quando então partiu para o estudo da psicopatologia. Investigador curioso e criterioso, à medida que tratava de pacientes acometidos por patologias neuróticas, aprofundava seus conhecimentos sobre a psique humana.

É creditada a ele a descoberta do "Inconsciente", pois sistematizou o estudo do mesmo. Freud utilizou pela primeira vez o termo Psicanálise em 1896. Conceituou a Psicanálise como um método para a investigação de processos mentais inconscientes; um método para o tratamento de desordens neuróticas; um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas adquiridas por este método, formando uma nova disciplina científica. Incluiu a Psicanálise entre as ciências da natureza, conferindo-lhe o estatuto de ciência natural.

Freud é considerado um dos maiores pensadores do século XX. Com sua coragem, revolucionou a cultura a partir de uma compreensão acurada da mente humana. Lutou para que suas descobertas se difundissem e a sua difusão foi bastante extensa. Suas descobertas não foram apenas resultado da análise de seus pacientes, enquanto médico e psicanalista, mas também de seu grande interesse por outras áreas do conhecimento, como a Literatura, a Mitologia Grega, a Filosofia, as Línguas, além de outras. Morreu em 1939, tendo deixado como legado uma obra composta de 24 livros, vários artigos e milhares de correspondências que ainda hoje são extensamente estudados.

Para comemorar os 150 anos do nascimento do criador da Psicanálise, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre promoveu, em conjunto com o Memorial do Rio Grande do Sul, uma série de atividades científico-culturais entre os dias 2 e 8 de maio. Além de conferências, palestras e debates, organizou as exposições "Freud e o Modernismo" e "Freud e o Judaísmo". O evento agregou psicanalistas e profissionais de outras áreas, como filósofos, jornalistas, professores e artistas, que debateram com um público diverso as influências que a Psicanálise, desde seu nascimento até o momento atual, exerceu sobre a cultura.

Na abertura oficial, dia 2 de maio, o presidente da SPPA, psicanalista Ruggero

Levy, e o diretor do Memorial do RGS, professor Voltaire Schilling, manifestaram sua satisfação com este evento conjunto, trazendo ao público presente algumas palavras. Houve coquetel e o público pôde prestigiar as exposições citadas acima.

Nas datas posteriores, debates sobre a Psicanálise e suas interfaces com a cultura como Cinema, Filosofia, Arte, assim como Literatura, lotaram os locais onde as atividades foram realizadas. Em espaço denominado "Seis Lições de Psicanálise", psicanalistas da SPPA e da SBPSP tiveram-se em conversar com uma platéia diversificada, rica e interessada, sobre alguns dos principais conceitos freudianos. Também presente às comemorações o psicanalista da Sociedade Psicanalítica

Italiana, Stefano Bolognini.

A SPPA encontra-se muito satisfeita com o sucesso do evento. A presença expressiva de um público atento aos temas desenvolvidos demonstra o interesse que as idéias freudianas e seus desdobramentos seguem despertando.

A partir de julho, as exposições "Freud e o Modernismo" e "Freud e o Judaísmo", que estiveram no espaço do Memorial do Rio Grande do Sul até então, estarão presentes no espaço de exposições do Bourbon Country para aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de apreciar as ilustrações sobre a história da presença da Psicanálise no Brasil e sua influência sobre o Movimento Modernista.

ENCONTRO COM O DR. STEFANO BOLOGNINI



Dr. Bolognini, Dr. Ruggero Levy (Presidente da SPPA), Dra. Viviane Mondrzak

Analista didata da Sociedade de Bologna apresenta dois trabalhos e debate com membros da SPPA, que considera ter muitos pontos de convergência com a Sociedade de Bologna, entidade italiana em que atua

atemporalidade. Segundo a debatedora, a interpretação transferencial deve integrar as flutuações temporais que ocorrem durante a sessão analítica.

No dia 6, o Dr. Bolognini discorreu sobre a "Complexidade da Empatia Psicanalítica, a Partir de uma Exploração Teórico-clínica". A empatia, segundo o convidado, envolve que, ao mesmo tempo em que o analista vivencia um estado emocional de contato com o seu mundo interno e com o do paciente, considere sua própria condição de sujeito, bem como a deste mesmo paciente. Assim, é necessário identificar-se com o paciente, como também o é desvincular-se da identificação. Da contratransferência concordante deve-se passar pela complementar. No seu modo

de ver, a contratransferência complementar é mais eficaz.

Após a exposição do Dr. Bolognini, o psicanalista Zelig Libermann introduziu o debate, trazendo algumas questões que propiciaram ao convidado esclarecer melhor alguns pontos de seu trabalho, entre elas as diferenças de pensamento entre ele e Racker, assim como entre ele e Botella.

Além das conferências, o convidado demonstrou sua forma de pensar a clínica a partir das supervisões de casos clínicos. Além da sensibilidade, chamou a atenção sua habilidade em entender o fato clínico a partir do uso criativo de metáforas. Encerrou sua permanência entre nós salientando os muitos pontos convergen-



*Dr. Bolognini,
Dr. Sergio Lewkovicz
(Diretor Científico),
Dr. Zelig Libermann*

RETORNANDO A FREUD: A PSICANÁLISE COMO MÉTODO TERAPÊUTICO

Quando Freud se deu conta dos limites do tratamento pela sugestão hipnótica, por ele mesmo aplicado aos mais variados tipos de sintomas neuróticos, e tão em voga nos fins do século XIX, ele deu início a uma verdadeira revolução no método de tratamento: era o surgimento da Terapia Psicanalítica.

O uso da sugestão do terapeuta na tentativa de eliminar ou de diminuir sintomas foi substituído pela técnica da associação livre, cujo objetivo consistia em descobrir as motivações profundas, inconscientes, responsáveis pelas angústias geradoras desses sintomas e sofrimentos.

O entusiasmo pelo uso da técnica do hipnotismo foi logo substituído pelo entusiasmo na aplicação do novo método. Freud já havia concluído que usando a técnica da sugestão hipnótica a "cura" dos sintomas era passageira: ou retornavam mais tarde ou eram substituídos por outros sintomas ou manifestações correlatas, principalmente em pacientes histéricos. Nesse procedimento, a participação do paciente era praticamente nula, passiva, ficando dessa maneira submetido às sugestões e à autoridade natural do terapeuta.

Por outro lado, a aplicação da nova técnica, com sessões diárias, utilização do divã e a posição do analista fora do alcance visual do paciente, propiciava a participação ativa deste, através dos seus relatos espontâneos, onde se incluíam os sonhos, que passaram a se constituir numa importante via de acesso ao inconsciente.

A grande mudança se deu, portanto, na passagem de uma técnica sugestiva, cujo resultado era o reforço da repressão, para um método investigativo e dinâmico que passa a buscar nas camadas mais profundas da mente as verdadeiras causas e motivações dos fatores que geram os conflitos e as doenças psíquicas. Em consequência disso, os efeitos terapêuticos da nova técnica são considerados mais duradouros, pois agindo sobre áreas profundas da personalidade, que outras terapêuticas não conseguem atingir, propiciam modificações estruturais, tantas vezes alteradas.

Freud, de modo bastante objetivo, assim descreveu as diferenças no trabalho de 1917, 'Introdução à Psicanálise', no capítulo "A Terapêutica Psicanalítica": "Os conhecimentos que adquirimos graças à Psicanálise nos permitem descrever as diferenças que existem entre a sugestão hipnótica e a sugestão psicanalítica da seguinte forma: a terapia hipnótica intenta

encobrir e disfarçar algo existente na vida psíquica. Ao contrário, a terapia psicanalítica pretende fazê-lo emergir, clara e precisamente, e suprimi-lo depois. A primeira atua como um procedimento cosmético, a segunda como um procedimento cirúrgico. Aquela utiliza a sugestão para proibir os sintomas e reforçar as repressões, mas deixa intactos todos os processos que conduziram à formação de sintomas. Inversamente, a terapia psicanalítica tenta, ao deparar-se diante de conflitos que geraram sintomas, remontar-se à mesma raiz, e se utiliza da sugestão para modificar a solução desses conflitos no sentido desejado."

Nesse mesmo trabalho, Freud dizia que, por meio da técnica psicanalítica, buscamos sempre evitar possíveis efeitos passageiros da sugestão, pois não

"a Psicanálise ainda se constitui no meio útil e eficaz para explicar as motivações mais profundas na causalidade dos fenômenos mentais, como também na explicação das mais variadas formas de relacionamento entre os indivíduos".

devemos nos contentar nunca com os primeiros resultados obtidos e não devemos dar por terminada a análise antes de esclarecer totalmente o caso.

De tudo o que foi dito, podemos concluir que a Psicanálise, com todos os desenvolvimentos feitos por Freud, além de se constituir num meio de tratamento dos transtornos emocionais, se caracterizou também como um recurso eficiente de investigação da mente humana. E aí reside toda a importância do método psicanalítico, que o diferencia claramente de toda e qualquer outra forma de tratamento que tem por objetivo soluções imediatas, sem nenhuma preocupação com mudanças estruturais.

O fato é que, no momento que o terapeuta se utiliza de meios dinâmicos de exploração, onde intervêm, de forma indiscutível, a relação do paciente com o terapeuta e as respostas do próprio analista em decorrência dessa relação, ele está simultaneamente tratando. Tratar e investigar se constitui num processo único,

indissolúvel: poderíamos até dizer que tratar é investigar assim como investigar é tratar, de modo que quando falamos de Psicanálise, estamos falando de um método de tratamento e de investigação da mente humana.

Mas Freud já chamava a atenção para os limites da Psicanálise como método terapêutico. Ele afirmava que o método não se aplicava a todas as doenças mentais, sendo sua maior indicação para as neuroses, sabidamente capazes de desenvolver transferência. As psicoses e as personalidades marcadamente narcisistas não seriam passíveis de uma transferência favorável, tão necessária ao bom andamento da terapia. O fator transferencial, por ele mesmo descoberto, passou a se constituir no elemento fundamental para a instalação do processo analítico e, conseqüentemente, o caminho através do qual os conflitos da mente encontrariam solução. A transferência se converteria, desse modo, no campo de batalha sobre o qual devem combater todas as forças em luta, dizia então Freud.

A Psicanálise evoluiu com o passar dos tempos. Muitos autores foram surgindo e desenvolvendo novos conceitos, discutindo a própria teoria da técnica psicanalítica, ampliando o campo do conhecimento humano, alargando suas fronteiras para o interior da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia, da Pedagogia, da Filosofia, das artes, da moral, da ética, enfim, para tudo o que diz respeito ao pensamento e à produção do homem.

Ao lado disso, e em decorrência disso, o espectro se ampliou no atendimento dos distúrbios emocionais que, em épocas passadas, pareciam inacessíveis ao método psicanalítico.

Não obstante os avanços no campo da neurociência, da bioquímica, dos medicamentos e dos recursos condutivistas, "a Psicanálise ainda se constitui no meio útil e eficaz para explicar as motivações mais profundas na causalidade dos fenômenos mentais, como também na explicação das mais variadas formas de relacionamento entre os indivíduos".

A experiência tem mostrado que a terapia psicanalítica confere a qualquer pessoa a possibilidade de um maior conhecimento de si mesmo, um entendimento de suas emoções, expectativas e sonhos; da origem de suas reações indesejáveis, bem como fornece respostas às angústias que decorrem do constante embate que enfrentamos no dia a dia.

Isaac Pechansky

Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

PSICOTERAPIA E

Em março, uma das atividades inaugurais da SPPA foi a Conferência “Psicoterapia e Religiosidade”, com o psicanalista Dr. Sérgio Paulo Annes. Ele discutiu com o público este tema que já há algum tempo tem estudado

O estudo das religiões pelos psiquiatras e psicólogos é importante não só por ser ela uma manifestação de conteúdo puramente emocional, mas também por atingir a todo o ser humano com maior ou menor intensidade desde a sua mais primitiva infância.

A fé - base da religiosidade - é um fenômeno puramente irracional. Alguns a consideram “uma virtude teológica, infusa por Deus nas almas”. Trata-se de uma confiança cega em um ou mais deuses ou santos. Ao religioso não é permitida a investigação ou dúvida a respeito de sua crença. E a crença, que nos é inculcada desde a tenra idade, é difícil de ser encarada sob o ponto de vista especulativo. A leitura dos textos religiosos só pode ser feita tendo em vista que se trata de uma verdade revelada pelo deus em questão, comumente através de um profeta ou homem santo, e a dúvida do crente por si só já consiste em uma blasfêmia, em um pecado.

Assim, ao abordarmos o tema, devemos levar em conta o que nos dizia Jonathan Swift, escritor Irlandês que viveu de 1667 a 1745: “É inútil tentar dissuadir racionalmente um homem de algo que ele não concluiu pela razão”. Em minha opinião, o termo “inútil” poderia ser substituído por “difícil”.

Ao nascer, o ser humano se encontra em um extremo estado de desamparo e dependência. Sua imaturidade é gritante, falta-lhe a mielinização das fibras nervosas piramidais, o que o deixa incapaz de se locomover, e seus movimentos sem coordenação são reflexos de automatismo e defesa. Diferentemente é o que ocorre com muitos outros mamíferos que logo ao nascer se levantam e vão em busca da teta para se alimentar e em poucas horas já podem correr fugindo do perigo.

Se não for socorrido por alguém, via de regra sua mãe ou substituta, o recém-nascido humano morrerá em pouco tempo. No plano emocional, a necessidade de alguém que o cuide e proteja o acompanhará por toda a vida em maior ou menor grau.

Internamente, o “bicho homem” é um brinquedo de suas pulsões amorosas (libidinosas), por um lado, e agressivas (de morte), por outro.

Externamente, é cercado ora por “uma natureza amorosa” que lhe proporciona água, alimento, calor, proteção enfim; e ora por outra que o ameaça constantemente com secas, enchentes, tremores de terra, vulcões, raios, perdas dos seus queridos, pela doença e pela morte.

A ignorância a respeito de sua origem e a incógnita em relação ao seu futuro torna o ser humano carente de respostas que o tranquilizem e apavorado diante do desconhecido. A falta de conhecimentos calcados na razão, devido à nossa ignorância, nos leva a procurar respostas fundamentadas na emoção, na fé, nas religiões. É difícil suportar a nossa

Cada cultura tem seus mitos e crenças para responder às interrogações que vão surgindo. Tentamos explicar a nossa origem e o nosso futuro construindo esquemas que nos proporcionem uma maior tranquilidade frente ao desconhecido.

ignorância, o não saber ou o saber muito pouco sobre o mundo que nos rodeia e sobre nós mesmos. As religiões pretendem oferecer-nos respostas “certas e indiscutíveis” através dos livros sagrados e, assim, as dúvidas deixam de existir trazendo-nos “segurança e tranquilidade”. Para o nosso narcisismo, dizer “não sei, ignoro” é um golpe difícil de suportar.

Cada cultura tem seus mitos e crenças para responder às interrogações que vão surgindo. Tentamos explicar a nossa origem e o nosso futuro construindo esquemas que nos proporcionem uma maior tranquilidade frente ao desconhecido. O modelo utilizado é o humano: deve haver um pai e ou uma mãe celestiais que nos criaram e que nos

cuidam e cuidarão, e nos premiarão ou castigarão segundo nosso comportamento durante nossa vida. A incerteza, então, será substituída por uma ilusória segurança. A comunicação com esses poderes, agora celestiais, será feita através de oráculos, de preces, através dos astros, das runas, dos búzios, das cartas ou mesmo das linhas das mãos. A maior parte das vezes com o auxílio de intermediários, profetas, sacerdotes ou guias que se comunicariam diretamente com os deuses. A reação do ambivalente e desvalido ser humano começa por dissociar internamente o bom do mau. Num segundo tempo, se assim podemos dizer, projeta em lugar que julga seguro, para preservá-lo, o que tem de bom e amoroso e, também, muito de sua onipotência narcísica.

A idéia de um ser poderoso, onipotente e sempre presente, que tudo sabe a nosso respeito e está sempre pronto a vir em nosso socorro como uma mãe ou um pai amorosos, encontra na figura de um deus, ou dos deuses, essa necessidade satisfeita.

Criamos então, nesse lugar seguro, “nos céus”, um ou mais deuses. E, como ficamos esvaziados, cada vez que precisamos de algo bom, pressurosos corremos ao deus para implorar, de volta, o que necessitamos.

O mesmo ocorre com nossos impulsos agressivos e destrutivos. Colocamos lá fora numa figura de um deus do mal, um demônio, o mais distante possível: nos confins do inferno.

Assim a nossa “criança primitiva, interna” passa a vida a pedir, a implorar coisas boas, em forma de bênçãos, graças, aos céus, a seu deus ou a seus prepostos e a fugir do mal, do demônio, que a ameaça, interna e externamente.

Resumida e esquematicamente, é o que ocorre no psiquismo do ser humano.

Quando um líder poderoso e onipotente toma as rédeas de um clã, de um povo, se identifica com o deus que criou, a religião está em seu nascedouro. Ela corresponde a uma necessidade interna de se sentir seguro, protegido e amado. A mesma necessidade que tínhamos no início de nossas vidas e que continuamos a ter.

Assim, penso eu, a religião deve ser entendida como uma necessidade do

RELIGIOSIDADE

plano emocional que encontra na ilusão uma relativa satisfação e segurança, pois, inclusive "consegue explicar" muitas interrogações até então sem resposta, tais como a nossa origem e nosso futuro, por exemplo.

Podemos comparar a necessidade da religião - e aqui vamos nos arriscar uma analogia - com a necessidade de uma prótese. Ela funciona como funcionam os óculos, a bengala, a muleta para os que deles necessitam. Não há porque criticá-la ou depreciá-la. Na Psicoterapia, seja ela de base analítica ou não, ela deve ser tratada da mesma maneira como as inúmeras faces dos problemas vivenciais humanos. Ela deve ser examinada e compreendida, mas nunca depreciada ou combatida. Tentar tirar a religião de quem dela necessita é condenar o crente à orfandade.

Além de uma sensação de segurança, as religiões criam códigos de comportamento tentando estimular o que há de bom dentro e fora do ser humano e, assim, levá-lo a fugir do mal, do demônio, exorcizando-o.

As religiões auxiliam no processo civilizatório ao criar obrigações e proibições procurando coibir os impulsos homicidas, os incestuosos, os canibalísticos, etc., com o fim de proporcionar uma vida em sociedade mais tolerável.

Na religião mosaica, por exemplo, base das outras duas maiores religiões do mundo ocidental atual, a cristã e a maometana, percebe-se este cuidado através dos mandamentos. Neles, o que não é proibido é obrigatório. Obriga o crente a cultuar um só deus, guardando o seu dia e banir tudo que é mau. Proíbe adorar outros deuses que não o considerado "único e verdadeiro", assim como não nomeá-lo, afim de não banalizá-lo. Ordena honrar pai e mãe com vistas à restrição do incesto. Proíbe fazer imagens e adorá-las, levantar falso testemunho, matar, roubar, cobiçar o que é de outrem e cometer adultério.

O homem, ao projetar na figura de um deus suas boas qualidades, também projeta sua onipotência infantil da qual, narcisisticamente, conserva boa dose pelo correr da vida.

O chefe do clã é o deus primitivo, já que se sente tão identificado com ele que fala em seu nome e se comporta frente aos liderados como um onipotente e todo poderoso deus. Assim também eram e são os profetas.

Vejam os mitos da origem do monoteísmo hebreu: Abraão patriarca da religião monoteísta vindo de uma cultura politeísta, na baixa Mesopotâmia, onde seu pai Taré era fabricante de ídolos, liderava um clã de pastores nômades, e tinha poderes que iam até, se quisesse, matar seu próprio filho, oferecendo-o em holocausto aos deuses, como era usual entre os povos politeístas da região. Era ele o poderoso deus de seu clã. Em suas andanças pelo fértil crescente, rodeado de desertos, teve sua cobiça aguçada ao manifestar seu desejo de ter para si e para os seus as férteis terras pertencentes aos cananeus, cineus, ceneseus, cedmoneus, heteus, fereseus, refaim, amorreus, gergeseus e gebuseus. Expressou sua vontade de possuir essas terras através de "um pacto com seu deus" (YHWH, Javé, El Shadai, Eloim, Adonai), mediante o qual a terra destes povos lhe é "prometida" (Gn.15-12-21). Sua parte no pacto era tomar este deus como único e verdadeiro, banindo os outros deuses através da destruição de suas imagens, seus templos e inclusive de seus fiéis.

As religiões auxiliam no processo civilizatório ao criar obrigações e proibições procurando coibir os impulsos homicidas, os incestuosos, os canibalísticos, etc., com o fim de proporcionar uma vida em sociedade mais tolerável.

Lembramos que pacto semelhante fez Constantino quando adotou a fé e a cruz cristãs ("*In hoc signo vinces*") ao receber a "graça" de derrotar Maxêncio, tornando-se senhor do Ocidente.

Voltemos a Abraão: como selo desse "pacto" seu deus exigia a circuncisão de todo o macho de sua casa, dali por diante.

A religião entre os cananeus exigia o sacrifício das primícias, o que eles tinham de mais valioso a oferecer, ou seja, aos deuses as primeiras colheitas, as primeiras crias do gado e também o primeiro filho

homem. Na troca do politeísmo pelo deus único, Javé foi incluído no pacto, embora não explicitado que dali por diante o sacrifício humano seria substituído pela circuncisão, um sacrifício de sangue, no entanto bem menor. Abraão esteve prestes a sacrificar seu filho Isaac. Essa substituição foi, indiscutivelmente, um avanço. Mas o monoteísmo se mostrou mais narcisicamente intransigente e despótico contra os outros deuses, ordenando sua destruição. Deviam ser destruídos não apenas as imagens, como os templos dos que passaram a ser chamados ímpios, idólatras, - como pejorativo góis ou gentios. Os adoradores de outros deuses também deviam ser destruídos.

Atitude semelhante e anterior ao monoteísmo hebreu foi a do faraó egípcio da XVIII dinastia, Amenophis IV (Akhnaton) ao tentar impor o monoteísmo a seu povo. Pretendendo substituir Amon, o deus maior entre os Egípcios e o séquito de outros deuses menores por Aton, ordenou eliminar todas as marcas dos deuses anteriores, destruindo tudo que os lembrasse.

Assim se apresentam os monoteísmos: ditatoriais e prepotentes em relação ao politeísmo que tolera os deuses alheios. Mesmo em relação aos outros monoteísmos a intolerância é gritante. "O meu monoteísmo é que é o único e verdadeiro. O teu é falso e merece ser eliminado". Como se pode notar, o monoteísta, por seus traços narcisistas acentuados, sente-se o "dono da verdade".

" (...) 27) Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele o criou". Gen. 1. 27. É o que nos diz a Bíblia como artigo de fé. Mas ao que tudo indica, pela razão, o que ocorreu foi o contrário: O homem teve necessidade dos deuses e os criou.

A construção dos deuses, se assim podemos dizer, segue um esquema bastante humano: lutam os deuses pela supremacia, pelo poder máximo que no monoteísmo fica nas mãos de um só. E este é truculento e despótico com todos os demais ao destruí-los na medida do possível.

O deus único dos judeus, Javé, o deus de Abraão, agora nos derivados, Cristianismo e Islamismo, passa a ser denominado simplesmente Deus ou Jeová, pelos primeiros, e Allah (Alá) pelos segundos.

O uso que o crente faz da religião depende mais dele próprio do que da religião que ele diz professar.

Nas mãos de uns e outros, o inicialmente mesmo deus torna os três grupos inimigos entre si. Como os chefes guerreiros e políticos na disputa pelo poder.

Na verdade, a representação de deus é diferente segundo o crente. Se o religioso é uma pessoa tolerante, indulgente e amorosa, assim ele vê seu deus. O deus do intolerante, despótico e arrogante tem as características do devoto. E, diga-se de passagem, esta é a imagem das figuras paterna e materna que cada um internalizou através de introjeções e projeções de cada um.

Na hierarquia celestial nota-se claramente a projeção dos humanos. O deus tem o seu séquito de deuses menores, os santos, relíquias do politeísmo, que chefiavam certos setores: os que intermediavam graças aos que estão mais próximos ou distantes do poder. Enfim, uma organização à imagem das humanas. Isto reforça a idéia de que seja a projeção o mecanismo primordial da organização celestial.

Uma das preocupações do ser humano, causa de muitas angústias, é com a morte. Ela, todos sabemos, vem sempre como o inevitável fim de todo o fenômeno vital. O ser humano dificilmente aceita para si essa seqüência como natural, a vida seguida da morte. O medo do fim nos faz buscar uma fuga através da negação da morte: "deve haver uma outra vida, uma imortalidade!" Aí também vem em nosso socorro a religião. Algumas religiões prometem também, a imortalidade da alma, a ressurreição do corpo, a vida eterna, a reencarnação neste ou em outros planetas. Algumas, a possibilidade de comunicação com os nossos queridos que morreram, o que, indiscutivelmente é sedutor. Via de regra, tudo está conectado com recompensas ou castigos pela conduta que tivermos em nosso período de vida na terra. Novamente, um esquema "divino", mas muito humano.

Dificilmente alguém deixa de levar em conta a religião, mesmo se apercebendo do quão ilusório é o que ela nos oferece. Tudo vai depender da fé e ela é irracional. A fé é exigida e cobrada do crente. Ele deve aceitar os ditames de uma crença sem questioná-la como devia aceitar e obedecer às ordens dos pais. Aquele que põe em dúvida artigos de fé é banido, excomungado, como na infância era punido pelos pais despóticos. Não há tolerância para com o incrédulo. Há períodos na História em que a intolerância

vai ao extremo de matar o incrédulo.

O Judaísmo fez isto, quando tinha poder para fazê-lo. Fez com seus próprios irmãos, como Moisés (Ex: XXXII 1 a 28) ao descer do Sinai e surpreender os adoradores do Bezerro de Ouro. Fez com os seguidores de Yohshua Ben Joseph, o rabino que contrariava os poderosos fariseus e saduceus. Eles eram mortos a pedradas. Matava os adoradores de ídolos com quem disputavam e continuam a disputar as terras da Palestina.

O Cristianismo assim procedeu durante a Inquisição e as Cruzadas, contrariando o que Cristo pregou: amor, perdão, misericórdia. E o Islamismo também matou, e mata, em nome de seu deus que também prega o amor e a paz.

Devido à ignorância frente aos mistérios sobre nossa origem, sobre o que ocorrerá conosco nesta vida, e a morte a nos aterrorizar, somos levados ao encontro da religião que nos promete respostas tranquilizadoras.

O não crente ou o crente que desobedece é considerado um pecador. O pecado seria uma infração, uma transgressão da lei de deus ou dos deuses. Poderá ocorrer no plano do pensamento, da palavra ou de atos ou omissões.

A Psicoterapia se relaciona a este conceito na medida em que trata dos sentimentos de culpa do paciente que se sente um pecador.

O não saber, a ignorância, nos deixa a mercê de crenças e credências várias. Na medida em que evoluímos, que progredimos no desvendar os mistérios do mundo, teoricamente, as crenças deveriam se atenuar.

Freud comparava a religião a uma neurose infantil que seria superada como a criança supera sua neurose. "A humanidade conseguirá superar essa fase neurótica", afirma ele em "O Futuro de uma Ilusão". Peço permissão para divergir do prognóstico otimista do mestre. E não esqueçamos que ele era visto como um pessimista.

Já sabemos que a terra não é plana, nem o centro do universo. Já sabemos que somos produto de uma evolução dos seres

vivos. Já sabemos que não somos tão donos de nós mesmos, pois há um psiquismo inconsciente que nos maneja bem mais do que o nosso "livre arbítrio" gostaria. Devido à ignorância frente aos mistérios sobre nossa origem, sobre o que ocorrerá conosco nesta vida, e a morte a nos aterrorizar, somos levados ao encontro da religião que nos promete respostas tranquilizadoras. Isto se deve a que todo o ser humano, que facilmente se adapta aos progressos científicos e tecnológicos, parte emocionalmente e invariavelmente de um ponto zero, ao nascer. E continuamos com essa "criança desvalida interna" que todos temos desde o nascimento. Nosso amadurecimento emocional avança muito lentamente, isto quando avança, deixando ilhotas não resolvidas no decorrer da vida.

As religiões são produto humano. Tanto é assim que os deuses podem ser usados para o bem como para o mal. Em nome de um mesmo deus são abençoados exércitos antagônicos que partem para a destruição e para a morte. Tudo dependendo do homem que evoca o nome de seu deus na ocasião. A religião pode até tentar, mas dificilmente consegue o que se propõe: o amor e a paz entre os homens.

Posso parecer pessimista, mas me classificaria mais como realista. Basta olharmos em nosso redor para vermos os estupendos progressos tecnológicos e científicos ao lado do maior primitivismo. Ainda vemos na África tribos mutilando e escravizando outras e negociando-as como escravos como faziam há séculos quando vendiam seus irmãos derrotados, para os brancos ou para outras tribos. Vemos, em nome de um deus, um ataque cruente e destrutivo e o revide igualmente feroz e bárbaro em nome de outro deus, como nas Cruzadas e na Inquisição.

O progresso tecnológico utilizado e direcionado à destruição deixa a capacidade agressiva do passado restrita às flechas, lanças, espadas e cimitarras, parecer brinquedos de crianças.

Um avião "invisível" de vários milhões de dólares, um míssil de um milhão de dólares e a possibilidade de utilizarmos gases, bactérias, vírus ou mesmo bombas atômicas, torna a guerra iminente e a civilização à beira da destruição.

Sintetizando, sou de opinião que a religiosidade deve ser respeitada como qualquer sintoma e, como tal, deve ser tratada.

ENCONTRO COM A DRA. VIRGINIA UNGAR

O Núcleo da Infância e Adolescência da SPPA inaugurou suas atividades em março com uma conferência com a Dra. Virginia Ungar. A convidada, psicanalista da APdeBA, trouxe-nos vários aportes científicos sobre o Método Psicanalítico. Iniciou sua fala com a historização do Método Psicanalítico com Crianças e Adolescentes desde Freud, Klein e outros. Discorreu com fluência sobre situações técnicas na aplicação do método.

A virtualidade das relações afetivas atuais, seus aspectos

saudáveis e criativos, assim como dificuldades decorrentes também foi tema do encontro. Abordou dificuldades na comunicação nas relações familiares e a necessidade de incluir os pais no processo de avaliação e tratamento de crianças e adolescentes.

A experiência e desenvoltura da convidada possibilitaram um franco diálogo com a platéia.

VIII SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA - BRINCAR, REPETIR E ELABORAR

De 8 a 10 de junho, realizou-se na SPPA o VIII Simpósio de Psicanálise da Infância e Adolescência, com o tema "Brincar, Repetir e Elaborar". Aberto a profissionais e estudantes da área de Medicina e Psicologia, contemplou um bom número de participantes. O convidado especial foi o psicanalista da Associação Psicanalítica do Uruguai, Álvaro Nin. Além dele, psicanalistas da SPPA como Inúbia Duarte, Raul Hartke, Ingeborg Bornhold, Maria Lucrecia Zavaschi e a psicóloga Ana Marta Meira da Ufrgs/Gearte, trouxeram suas idéias para serem debatidas com um público atento. Na próxima edição do Jornal da SPPA, trataremos mais detalhes sobre a riqueza deste evento.

II OFICINA PARA PAIS, EDUCADORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE - E AINDA SE BRINCA?

Nos dias 30 de maio e 6 de junho, ocorreram na SPPA encontros com pais, quando foi discutido o tema: "E ainda se Brinca?". Dias 31 de maio e 7 de junho, o mesmo tema foi debatido com educadores e profissionais da saúde. Mais detalhes das discussões na próxima edição do Jornal da SPPA.

CINEMA E PSICANÁLISE

A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, a Casa de Cultura Mário Quintana e a Cinemateca Paulo Amorim promovem o Ciclo de Cinema e Psicanálise. O evento, que ocorre há 11 anos, propõe o debate de temas diversos a partir de produções cinematográficas. Neste ano, o ciclo debaterá Cinema, Política e Psicanálise.

No dia 20 de maio ocorreu o primeiro encontro, com a projeção e debate do filme "Cidade de Deus".

Os participantes, após assistirem o filme, poderão discutir os mais variados aspectos ligados à Política, com a participação de

psicanalistas da SPPA e profissionais de outras áreas (cineastas, historiadores, filósofos, etc.) O Ciclo de Cinema e Psicanálise é aberto à comunidade e tem entrada gratuita.

Agende-se para os próximos encontros e assista a filmes polêmicos e debates interessantes. A entrada é franca. Confira na contracapa os próximos filmes, local e horário.

Informações pelo fone (51) 3224.3340 - www.sppa.org.br e (51)3321.7147 - www.ccmq.rs.gov.br (CCMQ).

II SIMPÓSIO DE INVESTIGAÇÃO EM PSICANÁLISE DA SPPA

Painelistas enfatizam a necessidade de os psicanalistas conhecerem diferentes metodologias científicas para a coleta de dados e a troca de informações, sem que a Psicanálise perca seu foco e sua especificidade



Os painelistas Dr. Ricardo Bernardi e Dr. Roosevelt Cassorla junto com o diretor científico, Dr. Sérgio Lewcowicz, e o organizador do evento, Dr. César Brito

Entre os dias 30 de maio e 1º de abril de 2006, foi realizado em nossa sociedade o II Simpósio de Investigação em Psicanálise, organizado pela Diretoria Científica e Comissão de Pesquisa.

Na quinta-feira, dia 30, os trabalhos foram abertos com um painel pré-congresso sob o título "Ética e Publicação em Psicanálise", com os palestrantes Dr. Ricardo Timm de Souza, professor de Filosofia da PUCRS, Dr. José Roberto Goldim, professor de Medicina da Ufrgs e PUCRS, e o Dr. Germano Vollmer Filho, analista didata da SPPA.

Na sexta-feira, dia 31, houve apresentações de grupos de pesquisa de nossa sociedade para discussões metodológicas com o Dr. Roosevelt Cassorla. Seguiu-se a apresentação do Dr. Ricardo Bernardi, analista didata da Associação Psicanalítica do Uruguai, com o título: "Investigação em Psicanálise: que tipo de Investigação e para qual Pergunta?", em que aborda diferentes metodologias para a investigação em Psicanálise e sobre aspectos da Psicanálise.

No sábado, dia 1º de abril, o Dr. Roosevelt Cassorla apresentou sua conferência: "Elementar meu Caro Watson: da Ansiedade à Surpresa na

Investigação Clínica em Psicanálise", em que desenvolve um processo de como fazer uma investigação psicanalítica através de um exemplo. Seguiu-se um amplo debate dos doutores Bernardi e Cassorla com a audiência.

Em síntese, os painelistas destacaram a importância inovadora da Psicanálise para a compreensão do ser humano, em que, a partir dos desenvolvimentos freudianos, inaugura-se uma nova forma de pensar e de um particular campo de pesquisa científica, com metodologia única e própria de sua área de saber. O campo surge de uma atitude ética de Freud na investigação de seus exemplos clínicos e seu modo de abordar e teorizar os dados.

Enfatizaram a necessidade dos psicanalistas conhecerem seu método de trabalho e desenvolverem seus instrumentos científicos sem perder sua especificidade. Também a necessidade de conhecerem diferentes metodologias científicas para possibilitar a coleta de dados e a troca de informações sem que, para se adequar às solicitações sociais e científicas atuais (e por vezes da moda) de outros campos de saber, a Psicanálise perca seu foco e sua especificidade.

CÉSAR BOTELLA NA SPPA EM SETEMBRO

Nos dias 13 e 14 de setembro de 2006, às 20h30min, teremos em nossa Sociedade a presença do renomado psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Paris, César Botella. Para recebê-lo, haverá atividades preparatórias no intuito de estudar algumas de suas idéias. O convidado debaterá dois trabalhos: "Sobre a Figurabilidade" e "Sobre Pacientes Borderline". A atividade é aberta para acadêmicos e profissionais das áreas da Medicina e da Psicologia.



O livro "Irrepresentável: Mais além da Representação", de César e Sara Botella encontra-se a venda na Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul.

SPPA LANÇA LIVRO “PSICANÁLISE E SEXUALIDADE TRIBUTO AO CENTENÁRIO DE 'TRÊS ENSAIOS SOBRE UMA TEORIA DA SEXUALIDADE' (1905-2005)”

Na noite do dia 23 de março, a SPPA lançou o livro “Psicanálise e Sexualidade tributo ao Centenário de Três Ensaios sobre uma Teoria da Sexualidade (1905-2005)”, em evento realizado na Livraria Cultura, em Porto Alegre. Durante o lançamento, o Dr. Cláudio Laks Eizirik, presidente da IPA, psicanalista didata da SPPA e um dos autores do livro, discorreu sobre os capítulos da obra, estabelecendo conexões entre os estudos psicanalíticos atuais sobre a sexualidade e a obra clássica de Freud. Após, o professor Donald Schüller abordou a correlação entre a Psicanálise e áreas da cultura no tocante ao tema da sexualidade.

O livro foi editado pela Casa do Psicólogo e abrange textos de psicanalistas da SPPA, assim como de outras Sociedades Psicanalíticas. São eles: Antonino Ferro, Carlos Gari Faria, Cláudio Laks Eizirik, Dana Birksted-Breen, Ethel Person, Joel Nogueira, Luiz Carlos Mabilde, Nara Caron, Raul Hartke, Roaldo Machado e Sérgio Lewkowicz.

O evento foi prestigiado por um numeroso público, que lotou o auditório da Livraria Cultura.



Alguns dos autores do livro em momento de autógrafos durante lançamento na Livraria Cultura. Sentados: Nara Caron, Luiz Carlos Mabilde, Carlos Gari Faria e Roaldo Machado. Em pé: Doaldo Schuller, Cláudio Eizirik e Raul Hartke

REVISTA

A SPPA lançou recentemente o terceiro número do vol. XII da sua Revista de Psicanálise. Esta terceira edição foi organizada ao redor do eixo temático “A Técnica Psicanalítica” e contempla os seguintes artigos:

- Do que eu não Abria Mão. **Thomas H. Ogden.**
- Atenção Flutuante Focada e Desfocada: Algumas Considerações sobre a Escuta Analítica. **Sérgio Lewkowicz.**
- Resistência: a Pária da Técnica Psicanalítica - com Ênfase Especial na Reação Terapêutica Negativa. **James S. Grotstein.**
- Assim é se lhe Parece, ou dois Autores em Busca de Roteiros e Cenografias: Transformações e Interpretações. **Antonino Ferro.**
- As Feridas de Vilma. **Stefano Bolognini.**
- Considerações sobre o Sonho a Dois e o Não-sonho a Dois no Teatro da Análise. **Roosevelt Moisés Smeke Cassorla.**
- Distúrbio da Atenção e Impasse em Análise. Ronald Skirrow Britton.

Os interessados em adquirir este número e edições anteriores, ou em fazer assinaturas da revista, podem acessar o site www.sppa.org.br (link Publicações), ou através do fone (51)3224-3340.



EVENTOS NA SPPA

4 e 5 de agosto

Discussão sobre eixo temático
O Método Analítico na Atualidade I:
"Freud na Atualidade"
Convidado: Abel Fainstein
Público: estudantes e profissionais da área

13, 14 e 15 de setembro

Encontro com César Botella
(psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Paris)
Público: estudantes e profissionais da área

28 de setembro

Projeção e discussão do Filme "Nossas Crianças"
Debatedoras: Rute Maltz (psicanalista) e profissional
da área do teatro
Horário: 20 horas
Público: aberto ao público em geral

Novembro

Discussão sobre eixo temático - O Método Analítico na
Atualidade II: "Melanie Klein na Atualidade"
Convidados: Elias Mallet da Rocha Barros e Elizabeth
da Rocha Barros
Público: estudantes e profissionais da área

GRUPOS DE ESTUDOS

Com o intuito de dar continuidade a uma programação iniciada em 2005, a partir de julho estão abertas as inscrições para grupos de estudos sobre teoria psicanalítica, voltados para acadêmicos de Medicina e Psicologia, assim como para profissionais egressos de cursos de Psicoterapia. Maiores informações pelo telefone (51) 3243.340 ou pelo site www.sppa.org.br.

EXPOSIÇÕES

"Freud e o Modernismo" "Freud e o Judaísmo"

Local: Bourbon Country
Data: mês de julho

CINEMA E PSICANÁLISE

17/06/2006 - CRASH NO LIMITE

15/07/2006 - AMÉM

12/08/2006 - ADEUS LÊNIN

18/09/2006 - MERA COINCIDÊNCIA

14/10/2006 - O JARDINEIRO FIEL

18/11/2006 - A HISTÓRIA OFICIAL

16/12/2006 - O PAGADOR DE
PROMESSAS

Horário:

9h30min Projeção do filme
11h30min Debates

Local:

Casa de Cultura Mário Quintana
Sala Eduardo Hirtz
Rua dos Andradas, 736

Aberto à comunidade, com entrada franca.

CENTRO DE ATENDIMENTO PSICANALÍTICO (CAP)

Com o objetivo de ampliar o alcance da psicanálise, a SPPA oferece tratamento a um custo reduzido a partir de seu Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP). Os tratamentos são efetuados por membros da instituição e os valores a serem pagos são combinados com o profissional que irá atender o paciente.

O primeiro contato é feito na Secretaria da SPPA. A seguir, o paciente é encaminhado para um profissional que atende em seu consultório particular.

O atendimento estende-se a crianças, adolescentes e adultos.

Os interessados podem contatar com Margareth Dallagnol, pelo

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



Ligue: (51) 3224.3340